

No ar, TV Mombaça

Ricardo Noblat

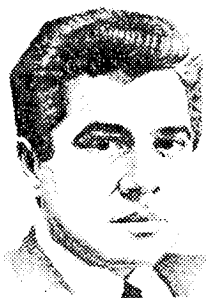
Recentemente, o deputado Mendes Ribeiro, do PMDB do Rio Grande do Sul, entrou irritado no gabinete do deputado Paes de Andrade, presidente da Câmara dos Deputados. Foi reclamar da sessão do Congresso marcada para as 18h30 daquele dia. "Assim não dá", comentou. "Por que marcaram a sessão para esse horário?", perguntou agitado. "Todos os dias, às 18h30, o Congresso se reúne", explicou um assessor de Paes.

"Tem muito tempo que é assim?", insistiu o deputado, um dos mais votados pelos gaúchos nas eleições de 1986. "Tem mais de um ano", arrematou o assessor. Mendes Ribeiro não perdeu a pose. "É, vivendo e aprendendo", limitou-se a observar. Em seguida, abandonou o gabinete. A sessão daquele dia do Congresso foi instalada, pontualmente, às 18h30, mas não decidiu coisa alguma. Não havia quórum para deliberação.

A cena protagonizada pelo deputado do Rio Grande do Sul poderia vir a ser reconstituída para uma espécie de sessão humorística, que viesse a ter a programação diária da "TV do Congresso Nacional", a idéia mais hilariante que o cearense Paes de Andrade já ofereceu, desde que foi eleito presidente da Câmara dos Deputados. Paes foi autor de outra idéia que não teve graça nenhuma: a de presidir o país de Mombaça.

Quer, agora, pôr no ar um canal de televisão que se preocupe em defender a imagem dos parlamentares, que estaria sendo maculada por ação perversa dos veículos convencionais de comunicação. "O Parlamento precisa ser conhecido e respeitado para ser amado", sustentou Paes. Conhecido, ele é. Qual o cidadão que não sabe que existem deputados e senadores eleitos para cuidarem em Brasília das leis do país?

O grau de respeito a ser conferido ao Congresso depende menos do que seja veiculado pelos meios de comunicação — depende do que o Congresso faça ou deixe de fazer. Os políticos demonstraram competência para operar a passagem sem violência do governo, que assinalou o fim do período autoritário para o atual,



que marca o início do período democrático que se deseja viver — e que tomara que dure muito. Ou para sempre.

Dure muito o período democrático — não o atual governo. Esse acabará tarde. A Constituinte se arrastou por quase dois anos, a nova Constituição contém alguns graves defeitos — mas os políticos, de toda forma, fizeram a parte deles, na encomenda, melhor do que se esperava. A Constituição incorporou alguns dispositivos modernos e avançados no capítulo dos direitos sociais e políticos.

Mas foi só — ou parece ter sido só. A Constituinte poderia ter durado menos do que durou, se os parlamentares comparecessem, habitualmente e com assiduidade, ao seu local de trabalho. A nova Constituição poderia ter apresentado menos defeitos, se o bom senso fosse uma mercadoria de fácil circulação na Câmara dos Deputados e no Senado. O presidente da República não precisaria apelar para Medidas Provisórias, se o Congresso legislasse.

Não legisla com o mínimo de regularidade, desde que a Constituição foi promulgada a 5 de outubro último. Não sintoniza com o tamanho da crise que ameaça o país com o risco da hiperinflação, desde que se demitiu da responsabilidade de influir, responsabilmente, sobre os destinos do governo — que, de resto, não lhe solicita para nada. Só para aprovar matérias do interesse dele, governo. O Congresso está solto no ar.

Nada tem a ver com o que se passa ao seu redor. Ou melhor: tem a ver, sim, mas só com o que ocorre de intragável, de desimportante e de gosto duvidoso. Tem a ver com o empreguismo, com a contratação de parentes, com o emprego criminoso de verbas por ele próprio e, de certo modo, com o generalizado estado de espírito que aconselha cada um a cuidar, apenas, dos seus interesses. Danem-se os outros.

A "TV do Congresso Nacional" não faz sentido, quando nada, porque nada de relevante existe para que ela veicule. O Congresso é relevante — mas não está relevante. De resto, a televisão brasileira tem aprimorado o nível dos seus programas humorísticos. Dispensa a colaboração direta de senadores e de deputados.

Alternativas — O ex-governador Collor de Mello está à procura de economistas que queiram aconselhá-lo. Não quer ficar só com os que tem.